

INVESTIGAÇÃO ACERCA DA INDISCIPLINA NA SALA DE AULA¹

INVESTIGATION ABOUT THE INDISCIPLINE IN THE CLASSROOM

Cíntia Luiza Pereira Cazarim*

Fabiana Mercadante Leite do Canto Zangrande**

Janaina dos Santos Guedes***

Andreia Aparecida Pantano****

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a indisciplina na sala de aula e a sua influência no processo de ensino e aprendizagem dos educandos. Essa é uma questão que vem sendo amplamente discutida por gestores, professores, familiares, alunos e pela sociedade como um todo, que tem buscado incansavelmente, formas para erradicar ou amenizar os atos indisciplinados dentro da escola. Por meio da pesquisa, buscamos discutir o que é a indisciplina, algumas de suas causas. Para um maior aprofundamento teórico, buscamos embasar o trabalho, que é de natureza bibliográfica e de caráter qualitativo, com autores que muito têm contribuído para o enriquecimento da temática, como: Michel Foucault, Julio Groppa Aquino, Yves de La Taille, Teresa Cristina Rego, Dorothea Pascnuki Szenczuk e Tatiane Tavares. Por meio da realização do trabalho pudemos perceber que a indisciplina implica em questões sociais, culturais, econômicas, familiares e escolares, que para vencê-las é necessário um trabalho coletivo que envolva toda a escola.

Palavras-chave: Indisciplina. Disciplina. Educação. Escola.

ABSTRACT

This work has how objective to reflect on indiscipline in the classroom and its influence on the students' teaching and learning process. This is a question which has been widely discussed by managers, teachers, family members, students and by society generally, which has been tirelessly seeking for ways to eradicate or mitigate disciplinary acts within the school. Through research, we seek to discuss what indiscipline is, some of its causes. For further theoretical study, we seek to base the work, which is of a bibliographic nature and of a qualitative character, with authors who have contributed a lot to the enrichment of the theme, such as: Michael Foucault, Julio Groppa Aquino, Yves de La Taille, Teresa Cristina Rego, Dorotea Pascnuki Szenczuk and Tatiane Tavares. Through the realization of the work we could see that indiscipline implies social, cultural, economic, family and school issues, that to overcome it we need a collective work that involves the whole school.

Keywords: Indiscipline. Discipline. Education. School.

¹ Este texto faz parte de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Estadual Paulista – UNIP, Campus Assis, para obtenção do título de Graduação em Pedagogia.

* Graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista/ Assis. cintialuiza778@gmail.com

** Graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista/ Assis. bi.mercadante@yahoo.com.br

*** Graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista/ Assis. Janaina@aper.org.br

**** Doutoranda em Letras UNESP/ Assis. andreiapantano1@hotmail.com

Introdução

A indisciplina escolar é um tema muito debatido na escola e fora dela, por se tratar de um problema cada vez mais crescente na sociedade atual, apresentando-se como um desafio a ser combatido, evitando assim, que esta atrapalhe o processo de ensino-aprendizagem da criança e do adolescente.

A proposta deste artigo é discutir, investigar e responder as seguintes questões: o que é a indisciplina? Como ela atrapalha o processo de aprendizagem do aluno? De que maneira ela se dá no dia a dia na sala de aula? Quais os caminhos foram seguidos pelos professores, gestores e famílias para que a indisciplina chegasse ao ponto como ela está hoje? Há caminho reverso? O que tem sido feito para isso?

Na tentativa de responder estas indagações, buscamos na literatura, conhecer a história e os conceitos que abrange tais problemáticas e com isso percebemos que o tema é muito amplo, e que, apesar de toda discussão que tem sido feita, ainda não há consenso quanto à sua definição e as suas causas, contudo, percebemos que há possibilidades de superação, mas que isso depende do empenho de todos.

O objetivo principal deste trabalho é analisar bibliograficamente, a indisciplina, suas causas, sua influência na sala de aula e no aprendizado dos alunos, e a partir desta análise refletir, acerca dos diversos fatores que compõem seus estudos e buscar compreender qual é o papel de cada agente envolvido na problemática.

O tema indisciplina tem ocupado uma dimensão cada vez maior em repercussão e importância no cotidiano da escola e da sociedade. Ele vem a cada dia se tornando um desafio mais complexo, devido ao conjunto de fatores internos e externos que a influencia diretamente, e que envolve pais, professores e profissionais da educação, os quais não conseguem de forma eficaz impedir, interromper ou mesmo minimizar conflitos presentes na escola.

A indisciplina, além de desestruturar o cotidiano escolar, dificulta a relação professor, aluno e aprendizagem, acarretando sérias complicações no desenvolvimento cognitivo, moral e social da criança. Assim, sendo, esse tema é relevante, tanto para a pedagogia como para a sociedade.

Para a realização deste trabalho, utilizamos a pesquisa bibliográfica, de natureza exploratória, de abordagem qualitativa, na perspectiva de compreender o fenômeno, através de estudos e avaliações subjetivas. Esse processo se deu a partir de fontes secundárias, cujos principais autores são: Aquino (1996, 1998), Foucault (1999), Szenczuk (2004), Taille (1996), Tavares (2012) que contribuíram para realização desta pesquisa.

Conceituando indisciplina

A indisciplina é um tema amplamente debatido no âmbito escolar, na atualidade, sendo uma problemática discutida por professores, gestores, pais e outros profissionais da área da Educação. A pesquisadora Teresa Cristina R. Rego (1996) afirma, ser essa, uma grande dificuldade, pois, segundo ela: “a questão da indisciplina nas salas de aula é um dos temas que atualmente, mais mobiliza professores, técnicos e pais (e em alguns casos até alunos)” (REGO, 1996, p. 83). A autora menciona ainda, que apesar da crescente preocupação, este é um tema ainda pouco debatido, que não há clareza, quanto ao significado do termo e a temática ainda é carregada de dogmas e mitos do senso comum.

A escola, assim, como toda a sociedade, tem passado por muitas transformações políticas, sociais, econômicas e tecnológicas. Portanto, diante de tamanhas mudanças não dá para pensar a educação, a escola e as relações sociais como antigamente, nesta perspectiva, autores como Rêgo (1996), Foucault (1997), Aquino (1996), Dayan (2008), dentre outros, apresentam em seus estudos, a indisciplina como parte de um processo histórico que vai se desenvolvendo com o tempo.

Em concordância com essa visão, Garcia (1999) menciona que, mais do que transformar as escolas é preciso reinventá-las, pois a indisciplina escolar não tem mantido as mesmas características, ao longo dos anos, ou seja, ela não é um fenômeno estático, uma vez que a mesma se diferencia daquela observada em séculos anteriores.

A ideia apresentada acima por Garcia é também compartilhada por Rego (1996), a indisciplina, uma criação cultural e histórica, “não é um fenômeno estático, uniforme, nem tampouco universal” (REGO, 1996, p. 84), pois ela está diretamente relacionada com um conjunto de valores e expectativas que se apresentam de forma diferente ao longo da história. Além destes fatores ao chegar à escola, os alunos trazem consigo diferentes culturas e valores, e cabe ao professor direcioná-los para que sigam na mesma direção.

Após todos os referenciais acima, citados, ainda paira uma dúvida, afinal, o que é indisciplina? Como já explicitado acima, Teresa Cristina R. Rego (1996) expõe sua preocupação quanto à falta de uma definição clara sobre o significado de tal terminologia. Para responder tal pergunta, precisamos antes entender o que significa disciplina. Se procurarmos no *dicionário mini Aurélio século XXI*, do Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2000) temos os seguintes significados:

1. Regime de ordem imposta ou consentida; 2. Ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização; 3. Relações de subordinação do aluno ao mestre; 4. Submissão a um regulamento; 5. Qualquer ramo de conhecimento; 6. Matéria de ensino (FERREIRA, 2000, p. 258).

Para Rego (1996), o dicionário nos dá uma gama de interpretações. A disciplina como uma forma de passividade do indivíduo a ser disciplinável, cujo papel se resume a obedecer de maneira acrítica as regras estabelecidas por outrem, e o disciplinador seria o responsável por garantir que essas regras sejam cumpridas.

Nesse sentido, Rego (1996) destaca que tudo que foge da norma, se caracteriza indisciplina. Ela destaca ainda, que na escola, essas regras:

[...] são imprescindíveis ao desejado ordenamento, ajustamento, controle e coerção de cada aluno e da classe como um todo assim sendo, qualquer manifestação de inquietação, questionamento, discordância, conversa e desatenção por parte dos alunos é entendida como indisciplina (REGO, 1996, p. 85).

Em contraponto a isso, a mesma autora destaca que o cumprimento de regras é muito importante para a vida em sociedade, pois são elas que norteiam a convivência social e isso não é diferente no âmbito escolar. O que pressupõe, que quando os indivíduos as compreendem e internalizam isso pode levá-los à autonomia, onde a disciplina passa a ser vista como virtude.

Em seu texto, *Sobre a Pedagogia* (1999), Kant menciona que “o homem é a única criatura que precisa ser educada” (KANT, 1999, p. 11). Nesse sentido, percebe-se uma grande preocupação do filósofo, sobre o caráter racional da espécie humana, em detrimento da irracionalidade e selvageria dos animais. No homem, a disciplina é puramente negativa e necessária, pois tira dele a selvageria, em direção à humanidade. Afirma Kant:

[...] a disciplina submete o homem às leis da humanidade começa a fazê-lo sentir a força [coerção] das próprias leis. Assim, as crianças são mandadas cedo à escola, não para que aí aprendam alguma coisa, mas para que aí acostumem a ficar sentadas tranquilamente e a obedecer pontualmente àquilo que lhes é mandado, a fim de que no futuro elas

não sigam de fato e imediatamente cada um de seus caprichos [...] Assim, é preciso acostamá-lo logo a submeter-se aos preceitos da razão (KANT, 1999, p. 12-13).

No entanto, a parte positiva da educação, que irá garantir a espécie humana o cumprimento da sua finalidade, seria para o filósofo atingir a um estágio melhor no futuro. É preciso cuidar da disciplina e da instrução para que, se descuidadas, não permitam aos homens continuarem no estado de brutalidade e selvageria.

Já Michel Foucault, filósofo francês da segunda metade do século XX, dedicou seus estudos para investigar temas como, as relações de poder e o processo de subjetivação. O autor analisou a escola como um espaço de disciplinamento dos corpos dóceis, pensa o sujeito como produção histórica. Portanto, em cada momento histórico há diferentes sujeitos que são concebidos pelas relações de poder (FOUCAULT, 1999).

O conceito de disciplina, destacado na obra: *Vigiar e punir*, de Foucault (1999) é demonstrado como forma de poder, mas não o poder como comumente concebemos, originário de uma única fonte, onde um determinado grupo, como o estado ou classe, exerce o domínio sobre o outro. Na sua concepção, este poder é exercido em várias direções, ou seja, o poder circula entre as pessoas, está nas relações sociais e não é algo que determinado grupo tem e outros não. Nesta mesma obra, cuja terceira parte fala do poder disciplinar, Foucault expõe que esse poder se constitui nas prisões, hospitais, quartéis, escolas e etc. o que ele chama de instituições de confinamento ou instituições de sequestro (FOUCAULT, 1999).

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. (FOUCAULT, 1999, p. 119).

Desta forma, a função da disciplina é produzir corpos que possam ser moldados e configurados de acordo com as necessidades sociais. Então, para que esse mecanismo funcionasse com todo seu potencial, foram criadas as instituições disciplinares, as já explicitadas acima, cujo objetivo principal é moldar o comportamento do indivíduo. Nessa obra, Foucault (1999) destaca as instituições escolares, pois ela é quem mais universalizou o poder disciplinar e isso significou ter acesso a uma série de conhecimento e tecnologias que age sobre o corpo, disciplinando-o.

No que se refere às sociedades disciplinares, a forma ideal para o exercício desse tipo de poder, pode ser exemplificada pelo modelo arquitetônico do panóptico, projetado pelo jurista inglês Jeremy Bentham (FOUCAULT, 1999). Esse seria um edifício em forma circular com uma torre central. Cada andar desse edifício era dividido em celas pequenas com janelas que dava tanto para o exterior, quanto para o interior, que deixava o ambiente iluminado e que favorecia uma vigilância constante. O panóptico assegurava a vigilância do grupo e ao mesmo tempo do indivíduo, organizando o espaço para atingir objetivos econômicos e políticos. “O aparelho disciplinar perfeito capacitaria um único olhar tudo ver permanentemente. [...] olho perfeito a que nada escapa e centro em direção ao qual todos os olhares convergem” (FOUCAULT, 1999, p. 146).

Para Foucault (1999), a sensação de estar sendo vigiado faz com que o indivíduo controle suas atitudes e gestos, para ele os próprios espaços arquitetônicos contribuem para tal, pois todas essas instituições de confinamento servem como microscópio do comportamento humano, o que possibilita uma visão ampla de tudo que acontece no ambiente, olhar esse, que não precisa ser necessariamente de uma pessoa, pois a autodisciplina se dar no fato da incerteza de ter ou não alguém lhe vigiando.

Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores (FOUCAULT, 1999, p. 166).

Em suma, podemos concluir que para o referido autor, o poder disciplinar é responsável por regular a vida do indivíduo, cujo objetivo é torná-lo dócil e útil, mas para que esse poder possa ser eficaz é preciso que os indivíduos estejam distribuídos no espaço, confinados em um lugar fechado, onde suas ações possam ser controladas e do seu processo de desenvolvimento acompanhados, e isso exige vigilância constante, o que garante a disciplina. O registro das ações também é muito importante, pois é por meio dele que os superiores têm acesso à evolução de cada indivíduo.

Na verdade, esse tipo de poder, que age por meio das práticas políticas disciplinares, é um poder que não pretende anular o indivíduo, mas individualiza-o e aproveita-o de uma forma que ele exerça a funcionalidade que lhe é específica, integrando-o nessa engrenagem disciplinar vigilante (SZENCZUK, 2004, p. 59).

Como explicitado, a escola também funciona como sistema disciplinar. A disciplina se faz presente desde quando olhamos sua estrutura física, normalmente: prédio, muros altos, divididas em salas. Dentro das salas há o espaço para o professor e para os alunos, filas, sinais sonoros, horário de entrada e de saída, registro de notas, de frequência, uso de uniforme etc.

Anderson Ferrari e Wescley Dinali (2012) descreve a escola e como um lugar em que o indivíduo deve ir para aprender a viver, aprender a viver melhor e aplicar isso na sua própria vida. Um processo educativo como fonte de transformação de si mesmo. Comparando o texto dos autores com a realidade da escola, podemos perceber que esta, criou uma estrutura própria, de modo a proporcionar um olhar controlador sobre os que ali frequentam.

Os mesmos autores explicitam que com isso, o mundo, a escola, e outras instituições constituem-se num observatório político, num aparelho que permite o conhecimento, contudo, ao mesmo tempo, há um controle constante de tudo e de todos. Na escola, essa vigilância se dá através dos diretores, dos professores, dos funcionários e dos próprios alunos. Essa relação hierárquica deixa todos em alerta, pois faz com que todos se sintam vigiados e controlados.

Corredores, salas enfileiradas, carteiras em filas na frente do quadro negro, espaço destinado ao professor na frente dos alunos, permitindo ao mestre melhor visão dos corpos e do espaço, janelas altas das quais, quando sentados nas carteiras, os alunos pouca visão tem do exterior. Algo também que nos chamou a atenção foi o espaço “fixado” da coordenação. Do seu interior, tem-se a visão estratégica das salas no andar de cima, da circulação nesse mesmo piso e também visão ampla do pátio, em função do grande espelho que dá para esse espaço (FERRARI; DINALI, 2012, p. 403).

Causas da indisciplina

Como já percebemos, a indisciplina faz parte da realidade da escola, e é também um tema amplamente discutido pelos professores, pois atrapalha o ensino aprendizagem e interfere diretamente no desempenho de suas aulas. Assim, neste momento apontaremos, sob a perspectiva de alguns autores sobre causas da indisciplina. Frente a toda essa problemática e todos os conflitos trazidos pela indisciplina, cabe a escola e aos professores identificar quais as possíveis causas para que assim possam elencar soluções, visando uma melhor qualidade do ensino.

Segundo Tatiane Salvador da Cruz Tavares ao pensar na indisciplina, um dos fatores que deve ser levado em conta é a transformação social, gerada pela era da informação, pois, segundo ela "o conhecimento perdeu espaço para informação rápida, adquirida por meio da comunicação rápida e fácil acesso" (TAVARES, 2012, p. 12). A autora destaca ainda que: "embora o século XX tenha dado saltos impressionantes na área do conhecimento vivo, tem-se a impressão de que o saber perdeu muito seu prestígio" (TAVARES, 2012, p. 12 *apud* AQUINO, 1999, p. 25). Nessa perspectiva Tavares diz ainda que "[...] a escola não está preparada para atender esses alunos, os professores estão sentindo dificuldade de atender esse público que vem carregado de informação, problemas familiares e sentimentos variados" (TAVARES, 2012, p. 13).

Para Yves de La Taille (1996), a indisciplina é um tema delicado que deve ser discutido, e este apresenta três motivos para tal. "A falta de valores do nosso tempo; [...] O reducionismo, que explica um fato por uma única dimensão; e a [...] complexidade e até mesmo a ambiguidade do tema" (TAILLE, 1996, p. 9-10). Ao apresentar estes motivos e discutir as temáticas acima apresentadas, fica mais fácil, uma possível solução do problema da indisciplina, ou pelo menos uma reflexão crítica acerca dela. Por isso, é necessário, sob o ponto de vista do autor, olhar para o problema em todas as suas vertentes e não simplesmente sob um único ponto de vista, cujo objetivo maior, parece ser procurar um causador ou um culpado.

Segundo o mesmo autor, ao olhar ou apresentar a indisciplina como simplesmente o descumprimento de regras, estaremos olhando para ela sob uma única dimensão e tal ação irá causar descontentamento e aversão por parte daqueles que vão segui-las, no caso da escola, o aluno, pois este não sabe o porquê, nem a finalidade dela, ou simplesmente não sabe da sua existência (TAILLE, 1996).

Joe Garcia (1999) destaca que as causas da indisciplina se dividem em dois grupos, o primeiro seria aquelas causadas por fatores externos à escola e o segundo diz respeito aos fatores internos à escola.

Entre as primeiras vamos encontrar, por exemplo, a influência hoje exercida pelos meios de comunicação, a violência social e o ambiente familiar. As causas encontradas no interior da escola, por sua vez, incluem o ambiente escolar e as condições de ensino-aprendizagem, os modos de relacionamento humano, o perfil dos alunos e sua capacidade de se adaptar aos esquemas da escola (GARCIA, 1999, p. 104).

O autor destaca a necessidade de diferenciar a indisciplina de outros fatores que infelizmente perpassam a escola, como por exemplo, a violência, pois, "se por um lado a

violência está entre as causas da indisciplina, ela não é capaz de explicá-la totalmente” (GARCIA, 1999, p. 105). Outro ponto de vista que deve ser superado, segundo o mesmo autor, é a visão da indisciplina somente como uma questão comportamental, pois nem sempre, ter o aluno ou turma com bom comportamento é sinal que eles sejam disciplinados, pois isso “pode indicar apenas adaptação aos esquemas da escola, simples conformidade ou mesmo apatia diante das circunstâncias” (GARCIA, 1999, p. 105).

Teresa Cristina R. Rego (1996) destaca que hoje em dia, devido ao fato de a indisciplina ficar cada vez mais visível no contexto social e educacional, tem-se buscado estudar e se aprofundar nas causas e que isso leva a vê-la como reflexo de uma sociedade moderna em que a disciplina traz até certo saudosismo. A autora continua dizendo que este olhar saudosista atrapalha o desenvolvimento de novas propostas pedagógicas, pois, ficamos muito apegados a um passado ideal e não a uma realidade.

A referida autora apresenta diferentes causas para a indisciplina no contexto escolar. A primeira dela é a pobreza e a violência, a segunda é a educação recebida da família, a terceira trata-se da personalidade do aluno e por último a falta de autoridade do professor.

Quando a autora fala de indisciplina, tendo como causa a pobreza e a violência, ela destaca que: “É comum verem a indisciplina na sala de aula como reflexo da pobreza e da violência, presentes de um modo geral na sociedade e fomentadas de modo particular, nos meios de comunicação, especialmente na TV” (RÊGO, 1996, p. 88).

Os meios de comunicação em massa têm ganhado cada vez mais espaço na sociedade. Essa disseminação tecnológica começou com advento do rádio, depois veio a TV, computadores e internet, e hoje em dia, por meio de celulares e tablets, temos acesso à informação na palma da nossa mão e em tempo real. Todos esses recursos fazem parte da vida dos brasileiros. Segundo Tatiane Salvador da Cruz Tavares (2012), esses recursos interferem diretamente na forma de relacionamento familiar, o que influencia diretamente na escola.

A autora diz que: “A sociedade impõe seus valores, usando meios de comunicação, que passam a ser respeitados por jovens e crianças, onde o consumismo, a violência, o alcoolismo, a falta de limites imperam entre eles gerando novas condutas na geração atual” (TAVARES 2012 p. 12-13). Ela destaca ainda, que isso pode ser notado quando todo um grupo de pessoa, ou a maioria dele é influenciado por essas novas tecnologias, e este busca viver uma vida espelhada naquela apresentada na novela, numa

vida idealizada, ou seja, há um desejo de ser parecido com os personagens. Contudo, os personagens apresentados, nem sempre transmitem bons valores, os influenciam negativamente dentro da escola:

[...] assistindo aos programas de televisão mais comentados pela comunidade, entre eles, novelas, noticiários, onde a vitória é sempre do desonesto, o bandido se tornou o mocinho dos filmes, as maiores audiências estão voltadas para traição entre amigos e familiares, a corrupção se tornou tão corriqueira que não causa mais constrangimento. Na prática são verdadeiras aulas de mau comportamento, servindo assim, de modelo para crianças e jovens, onde estes passam a reproduzir o que aprendem com a “escola da vida”, tornando incentivo para eles, um convite à indisciplina e acabam levando esse aprendizado também às salas de aula (TAVARES, 2012, p. 13).

A Constituição Federal (BRASIL 1988), no seu Artigo 5º, inciso I, explicita que o homem e a mulher têm os mesmos direitos e as mesmas responsabilidades perante a lei, fator que também inclui a criação e a educação dos filhos, dever este, que foi reafirmado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação básica (BRASIL, 1996) que destaca no seu artigo 2º: "a educação é dever da família e do Estado" (BRASIL, 1996, p. 8), cujo objetivo a ser atingido é o desenvolvimento integral do educando, tornando o cidadão partícipe e preparado para o mercado de trabalho.

Desse modo, "a participação da família no processo ensino-aprendizagem é primordial" (TAVARES, 2012, p. 14). A autora destaca ainda, que a família precisa estar junto com a escola nesse processo, pois é a junção de ambas que constitui o aluno cidadão, porém, isso só irá acontecer quando a família se fizer presente na vida escolar do filho, pois, "diante dessa postura, a criança se sente cuidada, protegida e procura se tornar mais responsável" (TAVARES, 2012, p. 15).

Sob este mesmo ponto de vista, Tavares (2012), menciona que muitas vezes os pais põem toda a responsabilidade de educar na escola, e que pelo fato de não estarem presentes na vida do filho, devido ao trabalho e outros motivos, e acabam por tentar recompensar sua ausência com presentes e realizando todas as suas vontades. Esse modo compensatório de educar acaba refletindo negativamente dentro da escola, pois em casa, a criança tem todas as vontades realizadas e na sala de aula não sabem lidar com o não.

O comportamento das crianças no ambiente escolar e em casa é, na verdade, uma reação às atitudes de seus pais. Uma criança, por exemplo, que não consegue, em sala de aula, ficar parada em momento nenhum, mostrando-se sempre nervosa, brigona, agressiva com os colegas, sempre mal arrumada, cadernos rasgados, pode ser que uma

das causas para tudo isso seja uma relação conflituosa com a família ou a relação, também conflituosa, entre os pais, os quais brigam o tempo todo na frente dos filhos e acabam descontando na criança, com desprezo ou indiferença, com agressões físicas ou verbais. Este fenômeno, tão comum, leva a criança a pedir ajuda, demonstrando isso de várias maneiras, inclusive chamando a atenção para si, no ambiente escolar (TAVARES, 2012, p. 17 *apud* WEIL, 1984, p. 47).

Outro ponto citado por Tavares (2012) foi a transformação na estrutura familiar. Antigamente as famílias se estruturavam, pai mãe e filho, já nos dias de hoje, isso não é tão recorrente, passando a ter diferentes composições.

Atualmente a divisão de papéis entre homens e mulheres mudou. Anteriormente, o pai trabalhava fora e trazia sozinho o sustento para casa proporcionando segurança à família, enquanto as mães ficavam em casa realizando trabalhos domésticos e eram responsáveis por cuidar da educação dos filhos (TAVARES, 2012, p. 16).

Um dos fatores apresentado pela autora é o alto índice de casais que vivem separados, uma vez que os filhos ficam sob a responsabilidade de um dos cônjuges, em sua maioria, a mãe, ou então, esta responsabilidade acaba sendo delegada aos avós. Neste sentido, a criança ao chegar à escola encontra outros alunos com problemas parecidos com os seus, professores que não estão dispostos a ouvir toda essa demanda, e tudo isso reflete em indisciplina na sala de aula e conseqüentemente, prejuízo no seu aprendizado.

Atitudes como essas, influenciam diretamente na sala de aula, prejudicando o desenvolvimento da criança indisciplinada e da turma como um todo, e segundo Tavares (2012), precisará de uma intervenção do professor de modo a tranquilizar o aluno e/ou a turma assumindo assim o papel dos Pais "[...]ensinar a esses alunos regras básicas de convivência social e respeito ao próximo para que consiga restabelecer a ordem e seguir com a aula" (TAVARES, 2012, p. 17).

Outra causa apontada como causa da indisciplina é o próprio aluno Aquino (1998), descreve como aluno “problema”, a quem o autor apresenta como responsável por dois grandes males que atrapalham o processo de ensino-aprendizagem na Escola Atual: a indisciplina e o baixo aproveitamento, o que geralmente traz junto, fracasso escolar.

Neste sentido, Júlio Groppa Aquino (1998, p. 184) fala que:

Ao eleger o aluno-problema como um empecilho ou obstáculo para o trabalho pedagógico, a categoria docente corre abertamente o risco de cometer um sério equívoco ético, que é o seguinte: não se pode atribuir à clientela escolar a responsabilidade pelas dificuldades e contratempos de nosso trabalho, nossos "acidentes de percurso" Seria o mesmo que o médico supor que o grande obstáculo da medicina atual são as novas doenças, ou o advogado admitir que as pessoas que a ele recorrem

apresentam-se como um empecilho para o exercício "puro" de sua profissão.

Júlio Groppa Aquino debate ainda três hipóteses que explicariam a indisciplina sobre a perspectiva do aluno: o primeiro seria o aluno desrespeitador, o segundo, o aluno sem limites, e por último o aluno desinteressado. Para ele, o maior erro das hipóteses levantadas é tornar a disciplina como um pré-requisito para ação pedagógica, sendo que na verdade, ela deveria ser fruto do trabalho em sala de aula. As três hipóteses levantadas pelo autor explicitam características do próprio aluno, mas que ao mesmo tempo não é explicada sob ele, pois ambas sofrem influência de fatores externos e ao mesmo tempo, olha o problema sob um único ponto de vista (AQUINO, 1998).

Nessa perspectiva é preciso que o professor trabalhe em três dimensões. "A dimensão dos conteúdos refere-se à "o que se ensina", a dimensão dos métodos ao "como se ensina", e a dimensão ética ao "para que se ensina": aquilo que delimita o valor humano e social da ação escolar, porque sempre inserido em uma relação concreta" (AQUINO, 1998, p. 201).

Cândida Maria Santos Daltro Alves (2006) questiona qual deve ser o papel e a postura do professor frente à indisciplina, evidenciando assim, a necessidade de questionar a escola e o professor em relação a isso, pois quando não há essa reflexão, tanto o professor, quanto a escola "acabam por transformar a educação em algo destrutivo" (ALVES, 2006, p.18), uma vez que, os alunos não querem ir, não querem aprender, pois o processo de ensino e aprendizagem não lhe agrega nem um significado, portanto, não é prazeroso.

Um ponto criticado pela autora é a busca incessante pelo silêncio. Na sua concepção, o professor perde muito tempo em busca do silêncio, fazendo dele a prioridade, quando se fala em disciplina. "Essa verdadeira veneração ao silêncio, advém normalmente de propostas pedagógicas tradicionais em que o silêncio passa a ter ligação direta com a atenção à aula e o respeito ao professor" (ALVES, 2006, p. 18). Ou seja, qualquer manifestação de barulho dentro da sala de aula, é visto de forma negativa e não como algo que possa agregar conhecimento à vida do aluno.

A mesma autora destaca que frente a toda essa problemática, o professor precisa repensar sua prática e os seus caminhos, e para isto é preciso "olhar com mais atenção para criança, considerada difícil e tomá-la como um desafio pedagógico [...]" (ALVES, 2006, p. 20). Nessa perspectiva, ela está explicitando que é preciso conhecer o aluno e

sua realidade sócio-histórica e econômica para trabalhar com as suas possibilidades e não fazer o contrário, fugir do problema.

Os autores Santos e Pascoinho (2020), destacam que outro fator causador da indisciplina, e, que é inerente ao aluno e de responsabilidade do professor e da escola, é a "imposição excessiva de regras, ou seja, a grosso modo, a organização escolar, em geral, e a maioria dos docentes, em particular, seleciona e impõe uma série de regras sem auscultação prévia dos alunos" (SANTOS; PASCOINHO, 2020, p. 7). Sob esse ponto de vista, as regras já vêm prontas para que o aluno obedeça, mesmo sendo ele o principal destinatário destas, acabam não tendo voz ativa na sua criação e construção.

Os mesmos autores destacam também, a importância de serem trabalhados durante a formação docente, aspectos relacionais, ou seja, da relação professor-aluno, incluindo as causas da indisciplina e da violência e que o professor precisa aprender a lidar com isso no seu dia a dia, mesmo que seja como forma de prevenção. Assim, Santos e Pascoinho (2020, p. 8), que citam Oliveira (2009, p. 300) destacam que é necessário:

Uma formação voltada para uma atuação profissional mais consciente e ativa, na qual o professor deixe de ser um mero transmissor de conhecimento, poderia diminuir o problema da indisciplina dentro da sala de aula. Esse procedimento, na formação do educador, seria o que podemos chamar de medida de prevenção da disciplina, que, acreditamos, traria melhores resultados do que as medidas de correção ou punição frente às condutas já instaladas.

O objetivo aqui não foi de maneira alguma apresentar um culpado, nem tampouco evidenciar uma solução, e sim apresentar várias faces desta problemática que interfere e prejudica o dia a dia da escola, o trabalho do professor e o processo de ensino e aprendizagem do aluno.

Considerações finais

O intuito do presente trabalho foi promover uma reflexão acerca da indisciplina na sala de aula, tema que vem ganhando cada vez mais destaque, tanto na escola, como fora dela, sendo causadores de grandes preocupações no meio educacional, para os professores e para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. A problemática da indisciplina se configura uma questão social de grande relevância, pois abrange não só a escola e os que nela convivem, mas a sociedade como um todo.

Desta forma, percebemos que a problemática gerada pela indisciplina faz parte do contexto sócio-histórico e cultural da humanidade e está presente na maioria das escolas do nosso país, e que de certa forma prejudica o trabalho do professor, o aprendizado do aluno, e a escola tem dificuldades de lidar com tais conflitos. A indisciplina ainda está muito ligada às questões disciplinadoras, no sentido de buscar controlar e vigiar as ações do aluno, em que eles são obrigados a seguir regras preestabelecidas pela sociedade, pela instituição escolar e pelos próprios professores, sem saber o porquê, o para quê e em que ela contribuirá para o seu desenvolvimento, pois estes não participam da sua elaboração. Assim, a disciplina está muito presa às tendências tradicionalistas de ensino.

Percebeu-se também que a indisciplina sofre interferências de diferentes fatores, que são internos e externos à escola, e isso se dá devido às transformações acontecidas na sociedade, nos meios tecnológicos, nas relações familiares, na organização da escola, na falta de autoridade dos professores, na falta de interesse e desmotivação dos alunos, o que faz com que eles assumam um papel de resistência à escola e a tudo que se remete a ela, dentre outras causas.

Por fim, apesar de toda a problemática, ainda há esperança. A educação ainda é um caminho possível para aqueles que lutam por um futuro melhor. E como foi demonstrado no trabalho, esse deve ser fruto de uma construção coletiva, com a participação de todos os envolvidos, e, portanto, responsável pelo processo de aprendizagem do educando – gestores, professores, funcionários, familiares, comunidade e o próprio aluno, pois, só assim teremos uma escola de qualidade, onde o aluno faça da escola um espaço em que aprenderá mais e melhor, tomando-a como uma extensão da sua casa e de si mesmo, um lugar em que sentirá prazer em frequentar, pois será responsável para construir seu próprio conhecimento. Conhecimento esse que lhe será significativo para sua vida.

Referências

AQUINO, Júlio Groppa. A desordem na relação professor-aluno. *In*: AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 2. ed. São Paulo: Summus, 1996b. p. 39-55.

AQUINO Julio Groppa. A indisciplina e a escola atual. **Rev. Fac. Educ.** São Paulo, v. 24, n. 2, p. 181-204, jul. 1998.

ALVES, Cândida Maria Santos Daltro. **(In)Disciplina na escola**: cenas da complexidade de um cotidiano escolar. Ilhéus: Editus, 2006.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: DF. Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília-DF, 1990.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 1996.

BRASIL. Emenda constitucional Nº 59, de 11 de novembro de 2009. Acrescenta § 3º ao art. 76 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias; dá nova redação aos incisos I e VII do art. 208, ao § 4º do art. 211 e ao § 3º do art. 212 e ao caput do art. 214, com a inserção neste dispositivo de inciso VI, da Constituição Federal. Diário Oficial da União. Brasília-DF, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000.

FERRARI, Anderson; DINALI, Wesley. Herança moderna disciplinar e controle dos corpos: quando a escola se parece com uma "gaiola". **Educ. Rev.**, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 393-422, jun. 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GARCIA, Joe. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr.1999.

GARCIA, J. A gestão da indisciplina na escola. *In*: COLÓQUIO DA SECÇÃO PORTUGUESA DA AFIRSE/AIPELF, 11., 2001, Lisboa. **Atas[...]**. Lisboa: Estrela e Ferreira. 2002. p. 375-381.

GUIRADO, Marlene. Poder indisciplina: os surpreendentes rumos da relação de poder. AQUINO, Júlio (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 17. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 57-71.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. 2 ed. Piracicaba: Editora, Unimep, 1999.

REGO, Teresa Cristina R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vigotskiana. *In*: AQUINO, Júlio (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 17. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 83-101.

SANTOS, José Sousa; PASCOINHO, João Carlos. Prevenção da indisciplina num agrupamento de escolas de Portugal. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, e212779, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1678-4634202046212779>. Acesso em: 18 out. 2020.

SZENCZUK, Dorotea Pascnuki. A (in)disciplina na escola pública: um convite a reflexão sobre as práticas educativas atuais. **RECE. Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, v. 1, p. 3, 2003.

TAILLE, Ives de La. A indisciplina e o sentimento sem vergonha. *In*: AQUINO, Júlio (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 17. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 9-23.

TAVARES, Tatiane Salvador da Cruz. **Indisciplina Escolar e sua Influência no Aprendizado**. 2012. 50 f. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.